

OS MONSTROS DO MANUSCRITO DE BEOWULF

BRITO FILHO, Gesner Las Casas (USP)

1. Introdução, objetivos e justificativa.

Leituras preliminares indicam que tanto o herói Beowulf, quanto diversos outros representantes da nobreza são elogiados como modelo de comportamento, numa exaltação a um modelo de nobreza guerreira. Simultaneamente há diversos elementos que funcionariam justamente o contrário, como “antiexemplos” de comportamento social. A análise desta oposição entre as figuras heróicas e seus antagonistas forneceria elementos das regras sociais desta sociedade. Sendo assim, através da análise dos *exemplos* e *antiexemplos* presentes no poema, pode-se extrair elementos que permitam a visualização de algumas das complexas relações sociais da sociedade cristã anglo-saxônica. Para alcançar este objetivo será utilizada uma tradução própria do poema original escrito em inglês antigo para o português. Os monstros representariam assim, entre outras coisas, os males da fragmentação social, política e cultural que a Inglaterra anglo-saxônica (além dos ataques externos dos povos nórdicos). Ao enfatizar o caos, os textos pretendem unificar as realidades apartadas. Utilizando-se de análise dos textos do poema juntamente com outros documentos da época e da análise lingüística, o estudo se concentrará na análise das figuras dos antagonistas do herói como representativas de antiexemplos para esta sociedade.

2. Metodologia.

Buscaremos retirar elementos éticos e morais da sociedade que produziu o poema, através da leitura e tradução crítica comentada do mesmo e de outras fontes da época. Para isso será utilizado um tradução própria comentada conjuntamente à análise lingüística. O foco será a História Cultural, portanto.

3. O Manuscrito, origem e datação.

Beowulf é a maior parte e a porção de maior destaque que faz parte do conjunto de manuscritos chamados *Cotton Vitellius A.xv*. Os manuscritos estão tão danificados, que sua conservação é apontada como quase “milagrosa”. Também é nomeado como *Nowell Codex*. Falando especificamente de *Beowulf*, sua autoria é desconhecida e o documento não tem paralelo e nem é mencionado em nenhuma outra produção textual do período que tenha sobrevivido. O local e data de sua produção é alvo de debates até hoje. Todos os textos do *Nowell Codex* são escritos na chamada língua anglo-saxã.¹ Sobre este manuscrito, o manuscrito onde está o poema *Beowulf*, o chamado *Nowell Codex*, desde sua produção até o século XVI não se sabe com certeza seu paradeiro. O manuscrito, possivelmente só veio a ser conhecido após cair em mãos de proprietários laicos e privados, após a dissolução dos mosteiros por Henrique VIII.

O *Cotton Vitellius A.xv* é a junção de duas coleções, o *Nowell Codex* e o *Southwick Codex*, que foram unidas no século XVII por Sir Bruce Cotton. O nome de *Nowell Codex* vem do primeiro “dono” do manuscrito, Lawrence Nowell². Em meados do século XVI (na primeira lâmina há o nome de Nowell e o ano de 1563). Nesta coleção encontramos três escritos em prosa: *A vida de São Cristovão*, *As Maravilhas do Oriente* e uma tradução de *Carta de Alexandre para Aristóteles*. Depois seguem-se *Beowulf* (o poema *Beowulf* é composto por 3182 versos) e *Judite*, também em verso. Os textos iniciais em prosa e *Beowulf* até o verso **1939** parecem ter sido escritos pela mesma mão (chamado de **escriba A**) e o restante de *Beowulf* e todo o poema de *Judite* apresenta outro tipo escrita (**escriba B**). O manuscrito já estava fragmentado e danificado quando passou para as mãos de Lawrence Nowell, pois a inscrição com o seu nome e o ano foi feita na primeira folha, que não seria a primeira do original, pois é o meio do texto da Paixão de São Cristovão.

¹ Costuma-se chamar a língua falada e escrita na Inglaterra anglo-saxônica (aproximadamente do o século VI até o século XI) como inglês antigo (Old English) ou anglo-saxão. LAPIDGE, M.; BLAIR, J.; KEYNES, S. & SCRAGG, D. (ed.), *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*, Oxford, 1999.

² **Lawrence Nowell** (1515 – 1571) foi um antiquário, cartógrafo, pioneiro nos estudo da literatura e língua anglo-saxônica e diácono da Catedral de Liechfield no período elisabetano. IDEM.

Após a morte de Nowell o manuscrito passou às mãos de Sir Robert Bruce Cotton³ (1571-1631), que uniu o *Nowell Codex* com o chamado *Soutwhick Codex*, que é composto por outros manuscritos que hoje sabe-se que não fazem parte da mesma origem do *Nowell Codex*, embora próximos temporalmente. A coleção de manuscritos medievais de Sir Cotton, além do *Nowell Codex* incluí outros manuscritos importantes da História britânica como a *Historia Ecclesiastica* de Beda, *Os Evangelhos de Lindisfarne*, a *Magna Carta de 1215* e o *Poema da Pérola*.

O neto de Sir Robert Cotton, que herdou todos esses manuscritos, doou esta coleção para o Governo Britânico entre 1700 e 1701. A coleção foi retirada da Mansão em ruínas de Sir Cotton e foi para o Palácio de Essex.

Porém, devido ao risco de incêndio, a coleção chamada de *cottoniana* em honra a Sir Robert Cotton foi transferida para o Palácio de Ashburnham, utilizada para abrigar outras coleções de documentos e livros importantes de posse do governo britânico.

Mas ironicamente em 23 de outubro de 1731, o Palácio de Ashburnham sofreu um incêndio de gigantescas proporções, que danificou grande parte desse acervo (cerca de 25%). Quanto ao *Cotton Vitellius A.xv*, este foi salvo, pelo que se relata, sendo defenestrado. Porém, sofreu muitos danos, principalmente na parte de cima e nas margens dos fólios que foram queimadas e muitas letras marginais foram queimadas. O poema *Judite* foi transcrito antes do incêndio, e por isso sua integralidade textual foi preservada. *Beowulf* foi transcrito alguns anos em duas versões após o incêndio quando alguns fragmentos queimados ainda não tinham sido perdidos e eram legíveis, pelo historiador islandês e arquivista do rei dinamarquês à época, Grimur Jónsson Thorkelin, que estava colecionando documentos que tivessem alguma relação com a história dinamarquesa. Hoje percebe-se a imprecisão destas duas transcrições (nomeadas Thorkelin A e B), sendo que a versão A parece ser a mais acurada das duas. Nenhuma transcrição dos textos em prosa que precedem *Beowulf* no *Codex Novell* foram feitas. Entretanto, *d'As Maravilhas do Oriente* existia outra cópia que se preservou (aceita como contemporânea à do *Cotton Vitellius A.xv*) na própria biblioteca (no *Cotton Tiberius B.x*).

Em 1845, foi feita uma restauração mal-sucedida do manuscrito. Os fólios foram separados e cada um foi colado a uma folha de um papel muito pesado aonde um buraco

³ **Sir Robert Bruce Cotton**, (1570/1 – 1631) foi um político inglês, colecionador de antiguidades e criador da Biblioteca Cottoniana descrita no texto. IBIDEM.

do tamanho de cada pedaço restante do manuscrito foi colado. Esta é a imagem que vemos nas versões fac-símiles⁴ e na versão escaneada de Kiernan⁵. Algum lado do grosso papel utilizado como base acaba sempre encobrindo algumas letras das margens danificadas; e do outro lado as letras são visíveis através da fita transparente que segura cada fólio. Os textos do *Nowell Codex* devem ter sido copiados de outro exemplar escrito, ainda que eles mostrem exemplos de erros de cópia quando um escriba interpreta errado um texto já previamente escrito. A explicação do porquê estes textos particularmente foram reunidos neste único livro, provavelmente próximo ao ano 1000, não é uma unanimidade clara entre os estudiosos. Uma explicação mais recorrente é a de que o manuscrito é devotado à narrativas sobre “monstros” ou “comportamentos monstruosos” (como se vê em *Judite*).

Um dos pontos de polêmica que o poema traz entre os estudiosos é a sua datação. Existia na historiografia até o início do século XIX, uma ampla tendência, que procurou empurrar sua criação para o período próximo às invasões dos povos germânicos no fim da dominação romana nas ilhas britânicas. Hoje em dia é mais recorrente a defesa de sua datação para mais próximo ao século X ou XI (cada vez mais próximo ao ano 1000). Em um dos pouquíssimos estudos mais aprofundados sobre o poema feito no Brasil, Medeiros ao analisar a figuração do modelo de aristocracia presente em *Beowulf*, defende a criação do poema como sendo feita no que ele nomeia como período “alfrediano”:

“Seguindo a idéia levantada, a respeito da composição do poema, *Beowulf* teria sido então composto no que denominamos como Período Alfrediano. Este Período Alfrediano seria o período que estaria localizado justamente no momento entre o fim do Grande Exército e a coroação de Cnut, o Grande. Definimos assim então este período, diferente de se referir simplesmente ao século X, ele também englobaria o mesmo, pois se estenderia desde em trono de 871 (governo de Alfred, o Grande) até Æthelred II, em 1016”.⁶

⁴ ZUPITZA, J. - *Beowulf: Autotypes of the Unique Cotton MS Vitellius A. XV in the British Museum, with a Transliteration and Notes*, In: **Early English Text Society 77**, Oxford University Press: London, 1882.

⁵ KIERNAN, K. S. - **Beowulf and the Beowulf Manuscript**, Rutgers University Press: New Brunswick, New Jersey, 1981.

⁶ MEDEIROS, E.O. S. - **O rei, o guerreiro e o herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História – FFLCH-USP em 2006. P. 80-81.

Kiernan em seu estudo paleográfico, utilizando-se também de evidências lingüísticas, defende o período união anglo-dinamarquesa (1016-1042) como época propícia à criação do poema, ao louvar heróis suecos e dinamarqueses:

“Assuming that the paleographers are right in their estimates, it is virtually certain that the poem was copied sometime after 1016. It is, at least, highly unlikely that a poem so obvious sympathetic to the Danes, and indeed extolling them for their peaceful foreign policy, could have been copied in Late West Saxon during the calamitous reign of Aethered, The Unread, from 978 to 1016. Danish-English relations were never more hostile. The Anglo-Saxon Chronicle for the years of Aethered’s rule is little more than a grim Record of Danish invasions and English defeats.”⁷

O estudo de Kevin Kiernan é importante, especialmente em seu retorno às evidências do próprio manuscrito e sua digitalização. No entanto, a teoria Kiernan é considerada por estudiosos como muito controversa, e não tem recebido muito apoio. Para muitos estudiosos a evidência que ele usa é aberta a mais de uma interpretação, especialmente da encadernação e do palimpsesto que é muito difícil de reconstruir.

Especialmente importante para a discussão da datação do manuscrito é a nova edição do poema transcrito no livro *Klaeber’s Beowulf* que trata desta questão extensivamente em sua introdução.⁸ Os autores deste volume destacam que cada especialista aumenta o peso das evidências de sua própria área de atuação, ou de sua própria especialidade para defender uma data mais específica para o poema. Obviamente, não há como não levar em conta evidências mais sólidas sobre a produção do manuscrito, até para auxiliar na elucidação de questões mais nebulosas. Sem desprezar estas evidências, entretanto, para esse estudo, trabalharemos com o conceito de *sociedade cristã anglo-saxã*.

⁷ “Assumindo que os paleógrafos têm razão em suas estimativas, é praticamente certo que o poema foi copiado em algum período após 1016. É, no mínimo, altamente improvável que um poema tão obviamente simpático aos dinamarqueses e, na verdade, exaltando-lhes a política externa pacífica, poderia ter sido copiado no reino tardio Saxão-do-oeste, durante o calamitoso reinado de Aethered, The Unread, (978-1016). As relações anglo-dinamarquesas nunca estiveram mais hostis. A Crônica Anglo-saxônica para os anos de reinado de Aethered é pouco mais do que um sinistro registro das invasões dinamarquesas e das derrotas inglesas” (Trad. Gesner L.C. Brito Fº) - KIERNAN, K. S., **Beowulf and the Beowulf Manuscript**, Rutgers University Press: New Brunswick, New Jersey, 1981. P. 15.

⁸ FULK, R.D & BJÖRK, R. E. & NILES, John D. **Klaeber’s Beowulf**. 4th. Edition. University of Toronto Press. Toronto: 2008.

4. A sociedade cristã anglo-saxônica.

A idéia de estudar *Beowulf* como um poema pagão, artificialmente cristianizado por um monge copista, que o teria adulterado, muito repetida por diversos estudiosos que já se debruçaram sobre o poema revela-se improvável e anacrônica. Até o momento não pode se provar tal fato - não há evidência palpável, visto que o manuscrito que se encontra no Museu Britânico de Londres é o único exemplar existente conhecido, sem um autor conhecido e sem citação em nenhum outro documento do período. Estes estudos maximizam os elementos que podem ser reconhecidos como recorrentes à mitologia germânica, em detrimentos de elementos cristãos.

Os elementos culturais germânicos, não podem ser negados no poema. Mas há que se considerar que em vários níveis institucionais e culturais (um deles é própria a língua), a considerável influência formativa germânica na sociedade anglo-saxônica. Portanto, a aparição de elementos germânicos neste poema cristão, deve-se ao fato que a sociedade que o produziu possuía estes elementos “germânicos” convivendo ao mesmo tempo em que os elementos “cristãos” em sua teia de relações sociais. A oposição entre cultura “germânica” e cultura “cristã” é uma construção anacrônica que busca separar realidades que estão na realidade mescladas na sociedade anglo-saxã. Para sairmos do beco sem saída de procurar estudar o manuscrito como um poema pagão que foi cristianizado, este trabalho buscará estudá-lo tal qual se apresenta a nós: produto de sua época. E, portanto, fazendo parte do universo cultural de uma sociedade anglo-saxônica já cristianizada.

Um exemplo da enorme inserção da Inglaterra anglo-saxônica no universo cultural do cristianismo ocidental (e latino-medieval) é grande da quantidade de escritos que circulavam e eram compilados e desde muito antes (no mínimo desde o século VI e VII. Com relação à datação, devido à dificuldade de se defender seguramente uma data tanto para sua criação, quanto para sua escrita, adotaremos a possibilidade que mesmo que sua criação tenha sido feita num período muito anterior ao ano mil e que sua escrita tenha sido feita entre meados do século X e meados do século XI. Pensando além da escrita propriamente dita, adota-se a idéia que as ideias, informações, conceitos e visões do mundo social e religiosas seriam recorrentes na Inglaterra anglo-saxônica no período citado acima, entre o início da cristianização dos povos anglo-saxões, passando pela ascensão de Alfredo, o Grande como primeiro *Rex Anglorum* em 871 até a desagregação desta

formação social em 1066 com a invasão normanda. Os normandos, embora partilhem da origem nórdica, trouxeram elementos novos provenientes das mudanças sociais e econômicas oriundas do centro da cristandade ocidental à época. Porém esta sociedade, guardadas algumas óbvias especificidades locais e temporais durante o período desde a cristianização dos anglo-saxões até a conquista normanda, pode ser estudada utilizando-se o conceito, que embora priorize a cultura, abarca esta sociedade como um todo. Utilizaremos neste estudo a construção teórica de *sociedade cristã anglo-saxã*. Então, o manuscrito é o meio pelo qual queremos chegar a algumas características elencadas que fazem parte desta sociedade que consideramos mais evidentes no *Codex Nowell*.

5. Os Monstros e a Bíblia.

No poema *Beowulf*, na gruta subterrânea onde moram os monstros, o herói encontra uma espada feita pelos gigantes em tempos primordiais, conforme nos informa o poema:

*Geseah ðá on searwum sigeéadig bil
ealdsweord eotenisc ecgum þýhtig
wigena weorðmynd þæt wæs waépna cyst
búton hit wæs máre ðonne aénig mon óðer
tó beaduláce ætberan meahte
gód ond geatolic gíganta geweorc⁹*

Vê-se nestes momentos uma imiscuidade entre elementos de comportamento sociais extraídos da leitura da Bíblia e resíduos de mitologia germânica. Os gigantes aparecem em maior profusão na mitologia chamada de “pagã” (germânica ou céltica). Porém, sua aparição não nega o caráter cristão do poema visto que apesar de discretamente, os gigantes são seres que aparecem na Bíblia.¹⁰ A palavra “*giganta*”¹¹ presente em *Beowulf* é de origem latina. Notável como a espada feita por “monstros”,

⁹ “Viu, então, entre as artes-de-guerra/uma espada abençoada com a vitória/uma espada-anciã gigantesca/ com lâminas fortes,/para guerreiros de espírito-valoroso,/ era a melhor das armas./ Porém, ela era mais/ do que qualquer outro homem, /de butim-de-batalha, / pudesse carregar, /boa e terrível,/ o trabalho de gigantes.” (Trad. Gesner L.C. Brito Fº) *Beowulf*, versos 1557 a 1552.

¹⁰ Gn 6, 1-5; Nm 13, 33; DT 2, 10, 11. Bíblia de Jerusalém – Paulus Editora: São Paulo., 2002

¹¹ **Gigantes** (lat.): Gigantes seres monstruosos, filhos da Terra, que queriam escalar o Olimpo para destronar Júpiter, mas foram por eles fulminados. Verbete: **Gigantes**, In: Faria E. - **Dicionário Escolar Latino**. FAE: Rio de Janeiro, 1988.

“gigantes” é algo “bom e terrível”, isto é, bem-feita, bem-talhada, e ao mesmo tempo terrível. A espada encontrada na gruta dos monstros é também elemento simbólico de conexão origens e tempo da saga (presente), pois ela continha gravada em letras rúnicas as lutas dos tempos iniciais do mundo quando foram destruídos os Gigantes.

Porém, analisando além da figuração mitológica, os gigantes são caracterizados como antepassados, como um povo antigo habilidoso, conectado com o divino e com o início dos tempos. Mas esta ideia não é única na produção literária anglo-saxã. Há o registro, por exemplo, no *Exeter Book*, no poema *The Ruin* de que as construções romanas em ruínas eram consideradas “antigo trabalho de gigantes”:¹²

*Wrætlic is þes wealstan, wyrde gebræcon;
burgstede burston, brosnað enta geweorc.*¹³

O primeiro grande inimigo-monstro do herói que aparece na narrativa principal do poema é Grendel. No desenrolar da narrativa, o herói enfrenta a vingança da mãe de Grendel. Os dois seres habitam o pântano desde tempos imemoriais e são descendentes de Caim, uma das figuras de maldição primordial da do Antigo Testamento:

sifðan him scyppend forscifen hæfde
in Caines cynne þone cwealm gewræc
éce drihten þæs þe hé Ábel slóg
ne gefeah hé þaére faéhðe ac hé hine feor forwræc
metod for þý máne mancynne fram
þanon untýdras ealle onwócon
eotenas ond ylfe ond orcnéas
swylce gíguas þá wið gode wunnon
lange þrage hé him ðæs léan forgeald.¹⁴

¹² LAPIDGE, M.; BLAIR, J.; KEYNES, S. & SCRAGG, D. (ed.), *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*, Oxford, 1999. P. 396. Verbete: Roman Remains.

¹³ “Maravilhosa é esta construção,/O destino quebrou-a /Seus pavimentos destruídos / O trabalho dos gigantes deteriora-se.” (trad. Gesner L. C. Brito Fº). CHADWICK, N. K- **Anglo-Saxon and Norse poems**, Cambridge: The University Press, 1922.

¹⁴ “Desde que, a ele [Grendel], o Criador / condenou ao banimento -/como toda à estirpe de Caim-/ por causa do vingativo assassinato,/pelos [desígnios do] Senhor Eterno, / no qual matou Abel. /Nenhuma alegria obteve desta vingança / mas, Ele, banuiu-o para longe, / o Senhor Deus, pelo crime,/contra humanidade. /Deste modo os monstros,/ todos surgiram: / Ogros e elfos / e demoníacos orcs / Todos gigantes / que lutam contra Deus. / Desde o início dos tempos, / Ele retribuiu seus atos com esta pena.” (trad. Gesner L. C. Brito Fº) - *Beowulf*, versos 106-114

Segundo o que o poema nos informa, Grendel e sua mãe são humanos, pois são descendentes de Caim. Os personagens de Grendel e sua mãe, apesar de se apresentarem com todo o componente mítico usual do mal, possuem características que representariam elementos presentes nesta sociedade, mas que esta sociedade desejaria não enxergar em si própria. Grendel não é identificado no poema com Satanás, com o oponente de Deus, mas com o primeiro humano criminoso, o primeiro traidor, o primeiro a matar outro ser humano, o primeiro “amaldiçoado” pela “ira de Deus”: Caim. Sua figura apresenta-se, portanto, mais como um ser humano, que se desumanizou pelos seus maus atos e a conseqüente maldição divina. Há algo de humano em sua forma e ações, porém distorcido pela maldade. Portanto, Grendel e sua mãe se apresentam como *ogros*, que são monstros lendários, físicos, animais e antropomórficos. Não são *demônios* - seres espirituais, com poderes sobrenaturais, embora diversas vezes as palavras empregadas para nomeá-los também possuam o sentido de demônios espirituais (*aglaeca*, *gaest* e etc.). A figura do monstro associa-se, assim, a comportamentos e ações não aceitáveis por esta sociedade. Comportamentos carregados de ações reais e não sobrenaturais.

A nomeação de “estrangeiro”, “alienígena” que de forma geral abarca tudo que é estranho àquela sociedade, é utilizada diversas vezes para nomear Grendel. Porém, como o próprio poema nos conta, o casal de monstros habitava aqueles pântanos desde tempo “imemoriais”. Os monstros representam um mal “estrangeiro” que paradoxalmente “mora” na mesma terra habitada por aquela sociedade. Os dinamarqueses de Hrothgar seriam, então, invasores que se proclamam os verdadeiros donos daquela terra. Grendel e sua mãe habitam aquelas terras antes dos dinamarqueses, porém, são os estrangeiros. Tanto dinamarqueses quanto suecos são (no momento da narração) cristãos e respeitam aos costumes germânicos de guerra. Um caso destacado é o do *wergeld* não respeitado pelos dois monstros:

“A wergeld was the payment made on the death of a man by the slayer and the slayer’s kindred. It varied according to set the rank of the victim and was normally paid to the kindred of the slain according to set customary divisions.”¹⁵

¹⁵ “Uma Wergeld era o pagamento feito pela morte de um homem pelo assassinato e pela família do assassino. Ela variava em função da posição social da vítima e normalmente era pago aos parentes dos mortos, de acordo com as divisões costumeiras.” In: LOYN, H. R. (Org.), **Anglo Saxon England and the Norman Conquest**, Oxford: Longmans, Green and Co. Ltd, 1962, p. 205.

Assim, o inimigo estrangeiro traz a esta sociedade a anglo-saxã do período pré-normando, que é múltipla e fragmentada (cultural, social, religiosa e politicamente), uma união artificial.

Diferentemente do casal de monstros extremamente antropomorfizados que Grendel e sua mãe representam, o Dragão pende mais para o lado mitológico a narrativa do herói Beowulf. Este estudo não pretende rastrear todas as origens da figura do dragão, uma vez que está presente nas mitologias de diversas culturas. Em diversas outras sagas medievais também surgem mitos de batalha contra dragões. Independente da construção mitológica, o dragão de Beowulf traz um simbolismo humano de pecado ético-moral evidente: o tesouro acumulado na caverna, que ele toma posse, vai contra a tradição anglo-saxã (exaltada diversas vezes como virtude dos governantes no próprio poema Beowulf) de doação e compartilhamento da riqueza. No poema os bons soberanos são “*doadores de anéis*”, pois compartilham a riqueza e o poder com seus nobres súditos. O poema narra, lamentando o ato deplorável, que aquele que perpetrara o roubo terminou seus dias triste e solitário. O tesouro anteriormente acumulado e guardado agora pelo dragão repete a idéia de solidão, e de outros maus sentimentos: fúria, ódio, monstruosidade, ganância. Oposto à sala do rei doador de anéis que compartilha suas conquistas com seus guerreiros. Eis aí o modelo de um bom rei: o bom rei divide sua riqueza e seu poder como seus subalternos. Já a ganância é um mal latente que ameaça, não só a Beowulf, mas como a toda humanidade.

O mal enfrentado por Beowulf é um mal ancestral, presente no mundo desde sua criação. Mais uma vez o mal que habita a terra antes da instalação da sociedade atual (a comunidade do rei Beowulf, desta vez), se faz presente na forma do Dragão. Mas desta vez o mal é despertado pela ganância de um de seus súditos. Como esta sociedade, que antes mesmos de outras formações sociais européias, conseguiu criar uma literatura rica em língua vernácula, aceitará em 1016 a presença de um rei “estrangeiro” (aos olhos contemporâneos) como Cnut no trono da Inglaterra?

Para a sociedade cristã, o outro não é o dinamarquês que saqueia sua costa. O outro é o pagão que não respeita as suas leis sociais. A mesma sociedade *cristã anglo-saxã*, que se uniu sob Alfredo, o Grande, poderá, em 1016 unir-se também sob a coroa de um rei de além-mar, contra males externos e até mesmo contra os males presentes dentro dela

própria¹⁶. Talvez para os anglo-saxões embora conscientes de suas diferenças com os povos nórdicos, não havia um conceito de nação tal qual se observa em tempos contemporâneos. A maior alteridade entre nórdicos e anglo-saxões em períodos anteriores seria a diferença entre cristãos e pagãos.

1. O bom governo versus o caos dos monstros- considerações provisórias

Outro caminho de análise a ser considerado na oposição *herói versus monstros* é como a sociedade dinamarquesa funciona como norma de bom governo para o poema. Um exemplo é a construção do palácio *Heorot* (que significa Heart: coração, alma ou espírito humano) por Hrothgar é o primeiro fato que compõe da narrativa central do poema de *Beowulf*. A construção do palácio acontece no presente (da narrativa). O ato de beber em conjunto e a doação de anéis no salão é uma partilha ritual do poder num local sagrado. A idéia de retomada do início da criação é confirmada na festa de comemoração da construção de *Heorot*, quando um menestrel canta a própria criação do mundo por Deus e após dizer que todos viveram por muito tempo, alegres, felizes e abençoadas até que o demônio inimigo (*Grendel*) seus crimes perpetrasse:

*swutol sang scopes sægde sé þe cúþe
frumscaft fíra feorran reccan
cwæð þæt se ælmihtiga eorðan worhte
wlitebeorhtne wang swá wæter bebúgeð
gesette sigehréþig sunnan ond mónan
léoman tó léohte land-búendum
ond gefræt Wade foldan scéatas
leomum ond léafum líf éac gesceóp
cynna gehwylcum þára ðe cwice hwyrfaþ
Swá ðá drihtguman dréamum lifdon
éadiglice oð ðæt án ongan
fyrene fremman féond on helle
wæs se grimma gaést Grendel háten”¹⁷*

¹⁶ BLAIR, Peter Hunter. **An introduction to Anglo-Saxon England**, Cambridge Press: Cambridge, 1959, p. 99.

¹⁷ “Doce melodia do poeta / que dizia o que sabia sobre/ a criação dos homens / remota no tempo. / Disse ele que o Todo-poderoso / criou a Terra - belíssimo campo / cercado de água. / Criou triunfantes / ao Sol e à Lua, luzeiros brilhantes / para os moradores da Terra. / E adornou / aos cantos da Terra / com galhos e folhas / - à vida também ele criou. / Cada espécie / que vive e que se move. / Então, os nobres homens / viveram em alegria, / Felizes, / até ele atacar, / Perpetrar sua fúria / - o demônio do inferno - / O selvagem estrangeiro / conhecido como *Grendel*.” (trad. Gesner L. C. Brito Fº) - *Beowulf* (versos 90– 103).

É evidente neste ponto a confusão ou imiscuidade entre o tempo atual e tempo da criação. O tema da criação está presente tanto na mitologia germânica¹⁸ quanto na cristã. São visíveis os pontos de contato da mitologia germânica com o Gênesis judaico-cristão¹⁹, pois ambas servem ao tempo mítico, heróico e imemorial de Beowulf, onde os conflitos são entre inimigos em lados diametralmente opostos. O mal não está presente na sociedade “perfeita” dos dinamarqueses ou geatas (suecos). É algo estrangeiro, estranho a elas, assim como na imagem que a sociedade cristã anglo-saxã faz de si própria.

Até o momento, consultando as fontes e bibliografia, parece-nos coerente afirmar que a ascensão de Canuto ao trono da Inglaterra em 1016, embora aparente ser uma ruptura (trata-se de um rei “estrangeiro”), na realidade trata-se da culminação de um processo de centralização e acomodação de um conflito paradoxal, uma espécie de fusão através dos séculos entre e anglo-saxões e escandinavos. Juntamente com a consciência de sua origem comum aos nórdicos (sem conceitos anacrônicos de nação), os novos contatos, mais os elementos cristãos fundamentais, Beowulf pode ser visualizado como um produto da acomodação destes elementos sociais. Este estudo buscará aprofundar a análise destes elementos, focando principalmente na dicotomia e na oposição que os “monstros” ou “comportamentos monstruosos” representam para esta sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Michael - **Beowulf**. *Penguin Books: London*, 1995.
- CHICKERING, Jr., Howell D - **Beowulf - A dual-language edition**. *Doubleday: New York*, 1989.
- FULK, R.D & BJÖRK, Robert E. & NILES, John D. - **Klaeber's Beowulf**. 4th Edition. *University of Toronto Press: Toronto*, 2008.
- GALVÃO, A. G. - **Beowulf**. Hucitec: São Paulo, 1992.
- GORDON, R. K. - **Beowulf**. *Dover Publications Inc.: New York*, 1992.

¹⁸ MATTOS, S.H. - *Deuses e Heróis na Edda Poética e na Tetralogia de Wagner*. In: **Boletim nº 240 de Língua e Literatura Alemã da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo**. USP-FFCL (atual FFCLH) São Paulo, 1959.

¹⁹ Gn 1; 2 – Bíblia de Jerusalém. Paulus: São Paulo, 2002.

- HEANEY, S. - **Beowulf** – *A New Verse Translation – Bilingual Edition*. W.W. Norton & Company: Nova York, 2000.
- LIUZZA, R. M. - **Beowulf** – *A new verse translation*. Broadview Press Ltd.: Toronto: 2000.
- MITCHELL, B. & ROBINSON, F.C. - **Beowulf**. Blackwell Publishing: Oxford, 1998.
- WELLER, S. - **Beowulf**. Dover: New York: 1992.
- WRIGHT, D. - **Beowulf** – *A Prose translation*. Penguin Books: New York, 1957.
- ZUPITZA, J. - *Beowulf: Autotypes of the Unique Cotton MS Vitellius A. XV in the British Museum, with a Transliteration and Notes* - In: **Early English Text Society 77**, Oxford University Press: London, 1882.
- BAKER, Peter S- *Introduction to Old English*. Blackwell: Oxford (UK), 2003.
- BARNEY, S. A. - *Word-Hoard: An Introduction to Old English Vocabulary, Second Edition*. Yale Language Series: New Haven/ London (UK), 1985.
- BENTON, John F. - *A Concise Anglo-Saxon Dictionary*. Ed.Toronto: Toronto (CAN), 2005.
- CASSIDY, F.G. & RINGLER, R. - *Bright's Old English Grammar & Reader, 3rd Edition*. Holt, Rinehart and Winston, INC: New York (USA), 1971.
- DIAMOND, R. E. - *Old English. Grammar & reader*. Wayne State University Press: Detroit (USA), 1989.
- HALL, J. R. C.- *A concise Anglo-Saxon Dictionary*, Cambridge University Press: Cambridge (UK), 1960.
- HAN, S. - *A user friendly Anglo-Saxon Dictionary*, Hollym International Corp.: Elizabeth-New Jersey (USA), 1999.
- POLINGTON, S. - *Wordcraft – New English to Old English Dictionary and Thesaurus*, Anglo Saxon Books: Norfolk, (UK), 2006.
- SWEET, H. - *The student's Dictionary of Anglo-Saxon*, Tiger of the Stripe: Surrey (UK), 2006.
- LEFEVERE, A.- *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Routledge: London (UK), 1992.
- TYMOCZKO, M. - *Translation in a Postcolonial Context*, St. Jerome: Manchester (UK), 1999.
- TOURY, G. & BENJAMIN, J. - *Descriptive Translation Studies and Beyond*, John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia (USA), 1995.
- VENUTI, L. *The Translation Studies Reader*. Routledge: London (UK), 2000

- BLAIR, P. H. - *An introduction to Anglo-Saxon England*. Cambridge Press: Cambridge (UK), 1959.
- CAMPBELL, J. (ed.) - *The Anglo Saxons*. Penguin Books: London, 1991.
- CLEMOES, Peter (ed.) - *Anglo-Saxon England*. Cambridge University Press: Cambridge, 1972.
- CHURCHILL, W. **História dos povos de língua inglesa, vol. I**, São Paulo, 1960.
- HODGKIN, R. H. *A History of the Anglo-Saxons, vol. I-II*, Oxford (UK) 1967.
- LAPIDGE, M.; BLAIR, J.; KEYNES, S. and SCRAGG, D.(ed.), - *The Blackwell Encyclopaedia of Anglo-Saxon England*. Blackwell: Oxford (UK), 1999.
- LOYN, H. R. (Org.), - *Anglo-Saxon England and the Norman Conquest*. Longmans, Green and Co. Ltd.: Oxford (UK), 1962.
- OMAN, C.W.C. - *England Before the Norman Conquest*. Methuen & Go Ltd: London, 1949.
- STENTON, Sir F. - *Anglo-Saxon England*, Oxford University Press: Oxford, 1989.
- WHITELOCK, D. - *The beginnings of English Society*. Penguin Books/Aylesbury: London (UK), 1956.
- _____. - *English Historical Documents*. Penguin Books/Aylesbury: London (UK), 1955.
- _____. - *The Anglo-Saxon Chronicle*. Penguin Books/Aylesbury: London (UK), 1961.
- BJORK, R. E. & NILES, J. D. - *A Beowulf Handbook*, University of Nebraska Press: Lincoln, NE (USA), 1998.
- GODDEN, M. & LAPIDGE, M. (ed.) - *The Cambridge Companion to Old English Literature*. Cambridge University Press: Cambridge (UK), 1994
- GONZALEZ, M. C. E. - *El proposito de La poesia en La sociedad anglosajona*, IN: **Estudios Ingleses de La Universidade Complutense**. Servicio de Publicaciones UCM: Madrid (ESP), 1996.
- JACKSON, W. T. H. - *The Hero and the King: An Epic Theme*. Columbia University. Press: New York (USA) 1982.
- JONES, G. - *Kings, Beasts and heroes*. Oxford University Express: Oxford (UK), 1972.
- JOHNSON, D. & TREHARNE, E. (ed.) - *Readings in medieval texts: interpreting Old and Middle English Literature*. Oxford University Press: Oxford (UK), 2005.
- KIERNAN, K. S. - *Beowulf and the Beowulf Manuscript*, Rutgers University Press: New Jersey (USA), 1981.

- MEDEIROS, E. O. S. - **O rei, o guerreiro e o herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico.** Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História – FFLCH-USP em 2006.
- MITCHELL, B. & ROBINSON, F. C. - *A Guide to Old English*, Blackwell Publishing: Oxford (UK), 2006.
- ROBERTI, Glauco Micsik, **A Batalha de Maldon - Tradução e Aliteração.** Tese de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas – FFLCH-USP em 2006.
- TOLKIEN, J. R. R. - *Finn and Hengest: The fragment and the episode*. Harper and Collins: London (UK), 1982.
- _____ - *The Monsters and the critics*. Harper and Collins: London (UK), 1982.
- AUERBACH, E. - *Mimesis. A representação da Realidade na Literatura Ocidental, Perspectiva*: São Paulo, 1998.
- BORGES, J. L. - **Literaturas germânicas medievais**. Alianza Editorial: Madrid, 1978.
- CHARTIER, R. - **A história cultural. Entre práticas e representações**. Difel: Lisboa, 2002.
- DUMEZIL, G. - **Do mito ao romance**. Martins Fontes: São Paulo, 1992.
- SPEIDEL, M. P. - *Ancient Germanic Warriors*. Routledge – Taylor & Francis Group: London and New York, 2004.
- ZUMTHOR, P. - **A letra e a voz. A “literatura” medieval**. Cia. das Letras: São Paulo, 1993.
- ANDERSON, P. - **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo** (Trad.: Beatriz Sidou). Brasiliense: São Paulo, 1994.
- LE GOFF, J. **Para um novo conceito de Idade Média**, 1993, Lisboa, Editorial Estampa, 1993.
- LE GOFF, J. & SCHIMIDT, J. -C. - **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. (org. Trad. Hilário Franco Jr.). EDUSC, São Paulo/Bauru, 2002.